

8. Nós cremos na Santa Ceia. Jesus Cristo, na noite em que foi traído, tomando o pão e havendo dado graças, partiu-o e deu-o aos discípulos, dizendo: "Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim". Semelhantemente tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: "Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue, que é derramado por vós". (Lucas 22:19-20; I Coríntios 11:24-25)

E, tomando o pão e havendo dado graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isso em memória de mim. Semelhantemente, tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue, que é derramado por vós. Lucas 22:19-20.

E, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim. I Coríntios 11:24-25.

Santa Ceia: é uma refeição comunal quando a Igreja compartilha o pão e o fruto da vide em recordação da obra expiatória de Cristo. Propriamente dito, é a única celebração regular da Igreja com ordenança bíblica. Os primeiros cristãos partiam o pão com frequência (At 2:46; 20:7) e todo o crente deve estar em comunhão com Deus e o próximo para vir tomar do cálice e do pão. Não participar dela, incorre na não comunhão com Cristo (Jo 6:53).

Ação de graças: Jesus iniciou a Santa Ceia dando graças. A Igreja primitiva partia o pão com coração alegre, louvando a Deus (At 2:46-47). Ainda que relembramos na Santa Ceia a morte atroz do Senhor, também comemoramos o que se seguiu: ressurreição vitoriosa. Por isso, agradecemos por essa obra sem merecimento nosso algum, a qual é a graça. Gratos e com alegria participamos do corpo e do sangue de Cristo para termos parte com Ele (Jo 6:47-58).

Reconciliação: os remidos pelo Sangue devem ter consciência do significado da Santa Ceia. Em razão disso, é reservada aos que compreenderam a fé em Cristo. Para não chegar indignamente à mesa, é necessário arrependimento de seus pecados e procurar viver em paz uns com os outros (cf. Mt 5:23-24), pois a Santa Ceia relembra a obra reconciliadora de Deus conosco e nosso dever de reconciliarmos uns com os outros. "Portanto, qualquer que comer este pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão, e beba deste cálice." I Co 11:27-28.

Comunhão: "Porque nós, sendo muitos, somos um só pão e um só corpo; porque todos participamos do mesmo pão". I Co 10:17. Frequentemente as Escrituras relembram que a Igreja é o corpo de Cristo (Cl 1:24; Rm 12:5; I Co 12:2), por isso que na Santa Ceia entramos em comunhão com Deus e o próximo, pedindo que aquele mesmo corpo e sangue precioso levado à cruz nos conserve em união. "E, perseverando unânimes todos os dias no templo e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e caindo na graça de todo o povo. E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar". At 2:46-47. Essa comunhão na Santa Ceia, pelo Espírito Santo, nos renova, prepara e reveste para sermos testemunhas verazes dessa tão gloriosa obra expiatória.

Memória: a Santa Ceia é um ato para nos lembrarmos da morte do Senhor até que venha. Por esse motivo, a Santa Ceia é uma recordação, mas é mais do que uma simples lembrança. "Fazei isto em memória de mim" é uma re-apresentação da obra de graça de Deus no presente. Ao relembrarmos do Senhor, sabemos que Cristo ressuscitou e está vivo aqui e agora, não apenas uma memória pelo que foi feito no passado. Quando participamos do pão e do cálice, símbolos do corpo e do sangue do Senhor, considerando o sofrimento e o grande amor que Ele manifestou por nós na cruz.

Resgate: a Santa Ceia relembra a obra de resgate que Cristo fez análoga à libertação dos israelitas do cativeiro no Egito (Ex 1-15). Embora a Santa Ceia não foi instituída para substituir a páscoa dos israelitas, Paulo chama Cristo de nossa páscoa, o qual sacrificado por nós (I Co 5:7). Ele é o cordeiro morto e com o seu sangue comprou para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação (Jo 1:29; 36; I Co 5:7; Ap 5:6-9).

Sacrifício: por fé e íntima comunhão com Ele relembramos na Santa Ceia que Jesus veio morrer, o Justo, derramado o seu precioso sangue no madeiro da cruz, padecendo pelos injustos e pecadores. Esse sacrifício foi um único evento "Ele apareceu uma vez por todas no fim dos tempos para remover o pecado pelo sacrifício de si mesmo". (Hb 9:26) cumprido pela Palavra feita carne. Por isso, não há sentido a ideia de que o fruto da vide e o pão transformam-se literalmente no sangue e no corpo de Cristo e é repetido seu sacrifício expiatório a cada Santa Ceia (teoria que é chamada de transubstanciação). Por isso, não são o vinho ou o pão objetos de adoração. Antes, relembramos que por sua vida Cristo torna a graça divina disponível para nós para também nos apresentamos como sacrifício vivo em união com Cristo (Rm 12:1; I Pe 2:5). Assim, somos servos dispostos ao sacrifício de sermos usados por Deus na obra de reconciliação.

Esperança futura: na Santa Ceia lembramos da morte do Senhor até que venha. Antecipamos o banquete da glória (Is 25:6; Mt 22:2; Lc 14:15). Compartilhamos com o próprio Senhor o anseio por essa festa quando disse que não mais beberia com os discípulos até aquele dia já no Reino (Mt 26:29; Mc 14:25; Lc 22:18). Quando comemos e bebemos temos comunhão com Cristo nesta vida e na vida eterna (Jo 6:47-58). Celebramos o banquete da vitória de Deus sobre o pecado, o mal e a morte (Mt 22:1-14; Ap 19:7-9; 21:1-7).